

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM ESTUDO REFLEXIVO

Antonia Gerlene de Lima Oliveira

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

Membra do grupo de pesquisa de Enfermagem em Saúde da Mulher (GPESM)

Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)-CNPq. Integrante dos projetos de extensão: CUIDE-SE (ativo); Educação em Saúde na Atenção às Gestantes e Puérperas (ativo). Monitora

Voluntaria pelo Programa de Monitoria Acadêmica (PROMAC), e Membro do Centro Acadêmico de

Enfermagem Professora Dr.^a Eucléa Gomes Vale.

E-mail: lennyll.lima@gmail.com

Cleysna Maria Rodrigues Pinto

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos de Enfermagem MATERNO-Infantil (NEEMI)

E-mail: rcleysna@gmail.com

Maria Luiza Pinheiro de Lima

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos de Enfermagem MATERNO-Infantil (NEEMI)

Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)-CNPq.

E-mail: marialuizaplima@gmail.com

Liene Ribeiro de Lima

Docente e Coordenadora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). Enfermeira. Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tutora do Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET-Saúde) Gestão e Assistência. Coordenadora do Grupo de Pesquisa de Enfermagem em Saúde da Mulher (GPESM). Orientadora do PIC e PIBIC (Cnpq).

E-mail: lienelima@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

Introdução: Sabe-se que o processo do trabalho de parto engloba acontecimentos que transformam a mulher em suas dimensões biopsicossociais, afetando assim sua trajetória de vida, assim como a de todos os envolvidos, constituindo, portanto, numa experiência que pode deixar marcas para toda a sua vida. Em 2011, foi criada a estratégia da Rede Cegonha que visa a implementação de um novo modelo de atenção ao parto e ao nascimento, que preconiza a humanização na assistência obstétrica, que privilegia o bem-estar da mulher e seu bebê ao considerar os processos fisiológicos, psicológicos e o contexto sociocultural, apoiados na capacidade técnica dos profissionais de saúde para o acompanhamento contínuo da gestação e parturição, estimulando o protagonismo da mulher durante o parto. **Objetivo:** Refletir sobre a violência obstétrica. **Métodos:** Refere-se a um estudo reflexivo, partindo de uma pesquisa bibliográfica, realizada em setembro de 2022, na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) utilizando a base de dado científica da Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) pelo cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (Decs): "Gestantes", "Violência Obstétrica", "Parto" e "Assistência ao Paciente", conectados pelo operador booleano And. Referida busca teve como critérios de inclusão: artigos publicados entre os anos de 2017 a 2022, serem completos e de domínio público, excluindo aqueles que não condiziam com a pesquisa e que se encontravam em duplicidade. **Resultados:** É perceptível ao longo dos anos uma transformação das percepções culturais acerca do parto e do nascimento, consolidando-os como eventos institucionalizados, técnicos e medicalizados, nos quais de certa forma, a mulher foi perdendo sua autonomia durante o vivenciar deste processo. Os avanços científicos da medicina obstétricas favoreceram o nascimento no ambiente hospitalar de técnicas mais tecnológicas que são utilizadas na hora do parto, muitas vezes sem nenhuma necessidade e isso acabou implicando a perda de autonomia da mulher na hora do trabalho de parto, autonomia sobre o seu corpo e sem protagonismo. Mediante a essa mudança nesse formato de assistência, é observado diferentes formas de violência obstétrica pela equipe de assistência à mulher, estas vivenciadas

através da comunicação, cuidado prestado e processos de trabalho nos atendimentos, violação de direitos e violação contra o corpo feminino. Nota-se que a ocorrência de violência obstétrica acarreta complicações para mulher e o recém-nascido, bem como repercussão para o âmbito familiar. Dentre os tipos de violência estão aqueles que envolve a comunicação, caracterizada principalmente pela agressão verbal, há também a violência na forma de serviço e processos de trabalho, onde propicia a violação dos direitos das gestantes e, dentre a mais presente, a violência contra o corpo feminino durante o parto. Estas formas de violência destacadas, além de físicas e verbais, resultam em violência psicológica, que podem definir a continuidade do cuidado à gestante e seu período pós-parto. Conclusão: Evidencia-se a necessidade dos profissionais de saúde se sensibilizarem para mudanças de rotinas e garantia de um cuidado livre de situações tidas como violência obstétrica, assegurando a mulher uma segurança em todos os aspectos do ciclo gravídico puerperal.

Palavras-chave: Gestantes. Violência Obstétrica. Parto. Assistência ao Paciente.